

XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán, 2007.

Caminhos da eugenia no Brasil: Renato Kehl lê Nietzsche no entre-guerras.

Wegner, Robert (Casa de Oswaldo Cruz).

Cita:

Wegner, Robert (Casa de Oswaldo Cruz). (2007). *Caminhos da eugenia no Brasil: Renato Kehl lê Nietzsche no entre-guerras. XI Jornadas Interescuelas/Departamentos de Historia. Departamento de Historia. Facultad de Filosofía y Letras. Universidad de Tucumán, San Miguel de Tucumán.*

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/000-108/896>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

XI° JORNADAS INTERESCUELAS/ DEPARTAMENTOS DE HISTORIA

Tucumán, 19 al 22 de Septiembre de 2007

Título: Caminhos da eugenia no Brasil: Renato Kehl lê Nietzsche no entre-guerras

Mesa Temática Abierta: Historia de políticas públicas de salud, enfermedades e instituciones en Argentina y América Latina en los Siglos XIX y XX

Universidad, Facultad y Dependencia: Fundação Oswaldo Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ Departamento de Pesquisa

Autor: Robert Wegner (Investigador y Docente do Programa de Pos-Graduação en Historia das Ciencias e da Salud)

Dirección, teléfono, fax y dirección de correo electrónico:

Fundação Oswaldo Cruz/ Casa de Oswaldo Cruz/ Departamento de Pesquisa

Av. Brasil, 4036 - Sala 400

Manguinhos

Brasil - Rio de Janeiro - RJ

CEP: 21040-361

Tel: (21) 3882-9083/2561-2537

Fax: (21) 2260-5496

robert@coc.fiocruz.br

Introdução

Os estudos e ensaios que procuram dar conta da história de todo um país, ou mesmo procuram esquadrihar um caráter nacional, não foram uma especificidade da história intelectual brasileira. Se aqui temos Oliveira Vianna, Paulo Prado e Gilberto Freyre, na Argentina temos o clássico *Facundo*, de Sarmiento, do fim do século XIX, e, em 1933, *Radiografia de la pampa*, de Ezequiel Martínez Estrada. Sem nos alongar muito nos exemplos, encontramos, no México, *O Labirinto da Solidão*, escrito por Otávio Paz, na década de 1950. Mesmo nos Estados Unidos, temos autores que procuraram dar conta de uma interpretação geral da sua nação: também no fim do

século XIX, Frederick Jackson Turner procurou entender os Estados Unidos a partir da fronteira com seu ensaio “A importância da fronteira na história americana”.¹

Em vários países da América, há uma profusão de textos que procuram dar conta de sua singularidade cultural, e, portanto, o Brasil não está sozinho nessa busca por identidade. Contudo, apenas no nosso país parece ter se formado um campo consolidado de estudos que trata de um conjunto de textos sob a rubrica Pensamento Social Brasileiro. Se em outras nações seus intérpretes estão espalhados em campos de conhecimento tais como a história, exemplo de Turner, ou a literatura, como Paz, no Brasil, mesmo livros de autores que posteriormente ficaram identificados com alguma disciplina mais delimitada, como é o caso de Gilberto Freyre, com a Sociologia, e de Sérgio Buarque de Holanda, com a História, são tratados até hoje sob termos transdisciplinares como “interpretações do Brasil”.

Isto é intrigante tanto do ponto de vista das causas, como de algumas conseqüências analíticas. De qualquer modo, parece ser muito próprio da história intelectual do nosso país. Um dos motivos para isto talvez repouse na formação tardia das universidades e, correspondentemente, o estabelecimento tardio de especializações disciplinares. Deste modo, autores com diferentes formações, mas de modo geral participantes da vida política do país são os que escreveram sobre o país, o que veio a formar uma verdadeira *intelligentsia*. Ou seja, os intérpretes do Brasil são também os fazedores do país. Pensando no século XIX, podemos citar os exemplos dos políticos Visconde de Uruguai e Tavares Bastos, autores que acabaram por conformar duas tradições na maneira de se pensar o país, o primeiro pensando na organização do Estado a partir de um diagnóstico sobre a especificidade da nossa sociedade, e, Tavares Bastos, propugnando um liberalismo de princípio: o bom liberalismo levaria a uma boa sociedade. O fato é que, independentemente da diferença entre essas tradições de pensamento, elas se constituíram em conjunto com as atividades políticas de seus autores.

Os cientistas sociais que, a partir da década de 1950, começaram a constituir o que hoje chamamos de Pensamento Social Brasileiro se davam conta disso e não por outro motivo criaram este campo indeterminado, posto que não tratavam com obras estritamente filosóficas, históricas ou sociológicas. A própria constituição desse campo foi um modo de resgatar a importância de obras que, a partir da década de 1940, o

¹ SARMIENTO. *Facundo*; HOLANDA. *Raízes do Brasil*; MARTÍNEZ ESTRADA. *Radiografía de la pampa*; PAZ. *O labirinto da solidão*; TURNER. The significance of the frontier in American history.

conhecimento universitário passara a desqualificar como obras pré-científicas. Guerreiro Ramos, na década de 1950 e, pouco depois, Wanderley Guilherme dos Santos foram fundamentais no resgate dessas obras.²

É interessante observar que, uma vez constituído o campo, autores posteriores foram ampliando o entendimento do que vem a ser Pensamento Social Brasileiro. Se muitas vezes este termo era aplicado a autores que se propunham a uma explícita interpretação da história do país, aliada a uma análise prospectiva, este entendimento foi sendo ampliado para englobar autores e trabalhos que, em uma primeira visada, não pareciam propor uma interpretação do país.

Neste caso encontram-se os textos de Luiz Antonio Castro Santos e de Nísia Trindade Lima e Gilberto Hochman. Estes autores demonstram como, no decorrer da década de 1910, médicos e sanitaristas, como Belisário Pena e Arthur Neiva, ao falar sobre as condições de saúde da população do interior do país tiveram um papel fundamental na re-configuração dos diagnósticos do país, deslocando as explicações da variável raça para as condições de saúde da população. Ao mesmo tempo, este deslocamento deu centralidade para a discussão – que marcou a década seguinte – em torno da organização política e administrativa do Estado brasileiro e a defesa de um governo central forte, em detrimento do modelo federalista que havia sido vitorioso com a instauração da República, em 1889. Deste modo, obras sobre saneamento e medicina passam a fazer parte do elenco de obras que propõem um diagnóstico do país.³

No mesmo caso, mas em outra vertente, vale nos referir a obras literárias no Brasil que, na década de 1920, foram marcadas pelo movimento modernista. As discussões de vanguarda foram marcadas, no Brasil e no mundo, pelas discussões sobre o lugar das manifestações artísticas no mundo moderno e, deste modo, falar sobre arte passou a ser também falar sobre a realidade em que está inserida. Por isso, as discussões estéticas da década de 1920 e seus desdobramentos nas décadas seguintes também envolvem interpretações do passado do país, levando um analista contemporâneo a

² Vale ressaltar os textos GUERREIRO RAMOS. Esforços de teorização da realidade nacional politicamente orientados, de 1870 aos nossos dias; SANTOS. A imaginação político-social brasileira.

³ CASTRO SANTOS, Luiz Antonio de. “O pensamento sanitarista na Primeira Republica: uma ideologia de construção da nacionalidade”. In *Pensamento Social no Brasil*. Campinas: Edicamp, 2003 (pp.209-249); LIMA, Nisia Trindade e HOCHMAN, Gilberto. “Condenado pela Raca, absolvido pela medicina: o Brasil descoberto pelo movimento sanitarista da Primeira Republica”. In M.Chor Maio e R.Ventura Santos (Orgs.) *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, CCB, 1996. (pp.23-40).

afirmar que a inquietude estética do movimento modernista se associou ao “esforço de interpretação da realidade sócio-histórica do país”.⁴

Diagnóstico do país e o projeto para a nação

Ao mesmo tempo em que esta ampliação do que chamamos Pensamento Social Brasileiro congrega trabalhos de natureza bastante díspare – tal como obras de ensaístas, médicos, sanitaristas, eugenistas e literatos –, é possível ao leitor destas obras extrair delas certa estrutura comum. É como se pudéssemos preencher uma tábua com itens que se repetem. Em primeiro lugar, estas obras possuem certo “diagnóstico” sobre o país, geralmente ancorado em uma narrativa histórica, e, ao mesmo tempo, a este diagnóstico está associado um “projeto” para a nação. Ou seja, mais ou menos explicitamente, podemos encontrar uma resposta ao “o que fazer?”.

Interessante observar é que nesta combinação entre diagnóstico e projeto se afirma a “singularidade” do Brasil sobre o pano de fundo do que se entende como Ocidente. O que é pensado como as especificidades do país o são a partir de sua distância ao que é caracterizado como o moderno na civilização. Neste sentido, a especificidade nacional é pensada a partir de um espelho de realização do projeto ocidental, que ou pode ser mais bem representado pela Europa ou pelos Estados Unidos.

Finalmente, neste jogo de espelhos, onde entra especificidades históricas e culturais e um modelo de ocidente, resulta que aquele diagnóstico/projeto pode ter uma marca mais pessimista ou mais otimista: indo desde aquilo que poderíamos chamar de uma sociologia da falta, na qual a especificidade do país reside exatamente na ausência de características culturais e institucionais que definem o modelo; até aqueles autores que vêem o Brasil como uma modernidade possível ou até mesmo como uma alternativa de organização social mais saudável do que o Ocidente. Neste último caso, podemos situar o poeta modernista Oswald de Andrade e seus manifestos da década de 1920. Já no primeiro caso, podemos citar o exemplo do eugenista Renato Kehl, um articulista prolífico na mesma década.

Nietzsche, a modernidade e a singularidade brasileira

⁴ NUNES, Benedito. “Estética e Correntes do Modernismo”. In Affonso Ávila (Org.) *O Modernismo*. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002, p.41.

Minha apresentação estará centrada nestes dois personagens para exemplificar como, ao dar atenção ao modo como eles se apropriaram da obra de Nietzsche, é possível iluminar aspectos sobre a maneira como pensavam o Brasil e seus projetos para a nação. Cabe dizer que os dois autores eram leitores de Nietzsche e que esta característica era bastante comum entre os autores da década de 1920. De fato, Nietzsche era um autor de referência para a interpretação e crítica do Ocidente.

Neste ponto, cabe lembrar as observações de Carl Schorske, em *Viena fin-de-siècle*, segundo as quais é possível caracterizar o próprio século XX como uma “cultura pós-nietzschiana”, tanto no sentido em que a obra de Nietzsche tornou-se referência para os autores europeus pensarem a história do Ocidente – seja em termos de conteúdo seja nos de método –, como também, ao lado disso, implicou em transformações na própria cultura que interpretava. Neste duplo sentido, segundo Schorske, Nietzsche implicou em uma implosão dos sistemas. Deste modo,

Todas as buscas de um equivalente, plausível para o século XX, daquelas categorias abrangentes, mas heurísticamente indispensáveis, como ‘o iluminismo’, pareciam condenadas a soçobrar na heterogeneidade da substância cultural que, supostamente, cabia-lhes explicar.⁵

Ao mesmo tempo em que a obra de Nietzsche foi influente, seu caráter multifacetado implicou em maneiras diversificadas de leituras e, portanto, na disparidade de direções em que sua influência foi exercida, o que só vem reforçar a idéia de que tenha contribuído para uma implosão dos sistemas. Se é possível dizer que sua obra é marcada pelo tema da “decadência” do Ocidente, que estaria se tornando clara no fim do século XIX, e ao mesmo tempo pelas sondagens sobre os caminhos para a “regeneração”, este temas eram lidos em suas obras dos modos os mais diversos. Vejamos então como isto se deu no Pensamento Social Brasileiro a partir de dois exemplos paradigmáticos.

Renato Kehl, a eugenia e a Genealogia da Moral

⁵ SCHORSKE, Carl. *Viena fin-de-siècle: política e cultura*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p.15.

Renato Kehl, nascido no interior do estado de São Paulo, em 1889, foi um destacado eugenista brasileiro na década de 1920. Como deixou claro no início da década seguinte, para ele,

Não há solução para os males sociais fora das leis da biologia. Não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade aos povos. Política econômica, conservadora, democrática, socialista, fascista, comunista, todas essas políticas e formas de governo *falham* se não se inspirarem nos ditames da ciência da vida. Eis por que, a política por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia.⁶

Deste modo, Kehl defendia o melhoramento do povo brasileiro por meio de medidas baseadas em teorias biológicas. O autor defendia a necessidade de exames pré-nupciais e o incentivo de casamento entre pessoas supostamente mais saudáveis. A partir do fim da década de 1920 chegou a defender a aprovação de leis de esterilização de criminosos e doentes mentais.

Afinco leitor da obra de Nietzsche, é interessante notar que Kehl se envolveu em uma polêmica nos jornais acerca da loucura do filósofo alemão. Sabe-se que Nietzsche, nascido em 1844, passou a manifestar sinais de insanidade a partir de 1889, vivendo seus últimos dez anos de vida em estado de demência. A questão que se colocava era acerca de como Nietzsche poderia ser um exemplo de “regeneração” se demonstrou sinais de degenerescência. Era preciso encontrar uma coerência entre a vida e a obra. Enquanto outros autores procuravam desqualificar Nietzsche como se toda sua obra já fosse *a priori* demonstração da demência que o atingiu mais tarde, Renato Kehl procurava demonstrar que a doença de Nietzsche não tinha um caráter genético.

A tentativa de provar isto e demonstrar que Nietzsche possuía uma excelente constituição biológica, sendo, portanto, em si mesmo, um exemplo do que sua obra pregava, já nos diz muito da leitura que Kehl fazia da obra do filósofo alemão. Neste sentido, a parte da obra de Nietzsche que mais interessa ao autor brasileiro está relacionada aos últimos livros do filósofo. Tomemos por exemplo *Genealogia da Moral*, de 1888. Neste livro, Nietzsche elabora uma interpretação de longa duração para

⁶ KEHL, Renato. *Sexo e Civilização: aparas eugênicas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1933.

a história européia que explica, por sua vez, a própria “decadência” que, insistia, caracterizava o século XIX europeu.

Para o autor era possível constatar dois mecanismos básicos para a formação dos valores: a moral dos fortes e a dos fracos, que, a certa altura, Nietzsche explica a partir de uma espécie de fábula passada entre aves de rapina e ovelhas. Segundo imagina, as ovelhas devem se perguntar entre si: “essas aves de rapina são más; e quem for o menos possível ave de rapina, e sim o seu oposto, ovelha – este não deveria ser bom?”⁷ Esta seria a forma reativa de criação de valores, na qual o que é considerado “bom” o é a partir da reação ao que é avaliado como “mau”. De outro lado, as aves de rapina caracterizariam o formato ativo de criação de valores, no qual se avalia a si próprio e seus valores como “bons”, enquanto o que as ovelhas fazem – ou, deixam de fazer – é tido como “ruim” – e não “mau”, pois lhes é indiferente.

Para Nietzsche, a história do Ocidente foi marcada pelo Judaísmo e pelo Cristianismo, que seriam exemplos claros de formação moral por meio reativo. Deste modo, menos do que uma ruptura, o Cristianismo seria uma continuidade do Judaísmo. E, por sua vez, a decadência niilista do século XIX europeu era caracterizada, ao mesmo tempo, pela descrença religiosa e pela permanência do espírito reativo de criação de valores. Neste sentido, os niilistas, que se consideravam um rompimento com o Cristianismo, eram, para Nietzsche, sua continuidade.⁸ Nunca é demais notar, já aí, ao apresentar estas idéias, o terreno movediço em que nos movemos. Contudo, não cabe julgar a justeza da tese de Nietzsche e procurar explicá-la do modo correto. O que interessa sublinhar é que esta tese foi lida, muitas vezes, como dizendo respeito ao caráter biológico dos povos, uma leitura inclusive incentivada pelo uso de imagens como as citadas há pouco, da ave de rapina e da ovelha.

O fato que cabe destacar é que Renato Kehl parece ter seguido esta linha de interpretação e, desse modo, a “singularidade” brasileira era exatamente o seu povo mal constituído biologicamente, um povo fraco, portador de uma moral reativa. Deste modo, representaríamos um caso extremo da “decadência” do Ocidente. A superação desta situação, a “regeneração” não poderia se dar “fora das leis da biologia”, conforme

⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: um escrito polêmico*. 2.ed. Trad. Paulo César Souza. São Paulo: Brasiliense, 1988. p.43.

⁸ NIETZSCHE, Friedrich. “O Niilismo” (Excertos de *A Vontade de Potencia* organizados por Gerard Lebrun). In *Obras Incompletas*. 2.ed. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1978. pp.379-386.

citado há pouco. Assim, não é à toa que Renato Kehl, em texto publicado em jornal na década de 1920, tenha subsumido o conceito de “super-homem” de Nietzsche, ao conceito de “homem eugenizado”, de Galton.

Oswald de Andrade, o modernismo e O Nascimento da Tragédia

O modernista Oswald de Andrade marca a década de 1920 com seus poemas, nos quais são justapostos elementos arcaicos de uma sociedade pós-colonial e características modernas de São Paulo – a metrópole que se encontra em rápido desenvolvimento –, provocando um olhar irônico e mesmo otimista sobre a sociedade e a cultura brasileira.⁹ Este olhar otimista aparece de modo mais explícito em seus manifestos, como o texto de lançamento da *Revista de Antropofagia*, de 1928, em que escreve:

Portugal vestiu o selvagem. Cumpre despi-lo. Para que ele tome um banho daquela ‘inocência contente’ que perdeu e que o movimento antropófago agora lhe restitui.¹⁰

Uma referência constante nos manifestos de Oswald é Freud. No entanto, Nietzsche, mesmo quando não citado explicitamente, parece estar permeando seus textos, inclusive modulando o tom festivo que o autor brasileiro empresta para a presença dos instintos/impulsos nos textos freudianos.¹¹ O Nietzsche que está presente nos textos de Oswald, inclusive contribuindo para sua leitura de Freud, é o jovem autor de *O Nascimento da Tragédia*, de 1872. Neste livro se encontra a oposição entre o princípio apolíneo e o dionisíaco. Este remete às festas bacantes de celebração do mundo pela crueldade, à sabedoria do louco Sileno – segundo a qual o melhor ao ser humano seria não ter nascido – e ao coro do teatro grego que se opõe à individuação do herói, tudo isso remetendo, segundo Nietzsche, ao “uno primordial” e à ausência de

⁹ Para um olhar crítico e, de qualquer modo, esclarecedor sobre este procedimento de Oswald e importante o artigo de Roberto Schwarz, “A carroça, o bonde e o poeta modernista” In *Que horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.

¹⁰ ANDRADE, Oswald de (pseudônimo: Oswaldo Costa). “A descida antropófaga”. In *Revista de Antropofagia*, Ano 1, N.1, maio de 1928.

¹¹ Uma questão fundamental em nossa pesquisa e a recepção das obras de Nietzsche e Freud por vias indiretas, seja por meio do futurismo italiano, especialmente Marinetti, seja por meio do surrealismo de André Breton, que promoveu um encontro das obras de Nietzsche e Freud. (PERLOFF, Marjorie. *O momento futurista*. Trad. Sebastião Uchoa Leite. São Paulo: Edusp, 1993; FER, Briony. “Surrealismo, mito e psicanálise”. In B.Fer, D.Batchelor e P.Wood. *Realismo, Racionalismo, Surrealismo: a arte no entre-guerras*. São Paulo: Cosac & Naify, 1998, pp.170-249.

forma.¹² Por outro lado, o princípio apolíneo, ao remeter ao deus do equilíbrio e, inversamente ao caso anterior, à afirmação do herói, diz respeito ao princípio da individuação, à forma e à cultura.

Para Nietzsche, os momentos altos da cultura se davam quando estes dois princípios contraditórios se encontravam, ainda que sob tensão, tal como teria ocorrido na tragédia grega pré-socrática e que, no momento em que escrevia, poderia voltar a acontecer na Alemanha, por intermédio da música de Wagner. De outro lado, a “decadência” do Ocidente era decorrente de um tipo de civilização, consubstanciada na França, na qual Apolo perdeu qualquer proximidade com Dioniso.

Na leitura de Oswald de Andrade, a tese nietzscheana não apenas poderia quebrar o modelo no qual os intelectuais brasileiros pré-modernistas procuravam se mirar, como também permitiria sondar que, da própria história do Brasil, com seu processo civilizador incompleto e superficial, poderia surgir uma cultura mais dionisíaca, na qual os instintos não teriam sido afogados. Deste modo, a justaposição de elementos arcaicos e modernos na sua poesia era a manifestação da convivência entre razão e instintos, ordem e caos, resultando, num plano cultural, na afirmação das “vantagens do atraso”. Deste modo, na leitura festiva que Oswald faz de Nietzsche e da cultura brasileira, não apenas o país poderia encontrar um caminho próprio para a modernidade, como poderia ter o elixir para combater a “decadência” da Europa detectada por Nietzsche. Não por outra razão que, em seu “Manifesto Antropófago” publicado em 1928, Oswald afirma que “antes dos portugueses descobrirem o Brasil, o Brasil tinha descoberto a felicidade”. E repete, no decorrer do manifesto, que “a alegria e a prova dos nove”.¹³

Conclusão

Apresentando os casos de Renato Kehl e Oswald de Andrade na década de 1920, acabamos falando de dois autores quase que diametralmente opostos. Enquanto o primeiro pode representar o que chamávamos de Sociologia da falta, o segundo é um

¹² NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo*. Trad. Jacó Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Esp. Pp.36-57.

¹³ ANDRADE, Oswald de. “Manifesto Antropófago”. In *Revista de Antropofagia*, Ano 1, N.1, maio de 1928.

dos casos mais extremos, no Pensamento Social Brasileiro, de enxergar a cultura nacional como uma alternativa à modernidade européia. Contudo, devemos alertar que esses dois extremos estão longe de constituir a regra entre os intelectuais brasileiros. Sem tratar de outros autores, podemos adiantar, para concluir, que, se a intenção fosse generalizar, deveríamos dizer que os autores brasileiros se encontram, entre as décadas de 1920 e 1930, em algum lugar de um campo intermediário entre um extremo e outro, quer pensemos em um ensaísta como Sergio Buarque de Holanda, no sanitarista Belisário Penna, sogro de Renato Kehl que, embora dialogasse com o gênero, manteve distância de suas posições, ou mesmo se tratássemos de outro modernista, como Mario de Andrade, que cada vez mais se distanciou de Oswald.